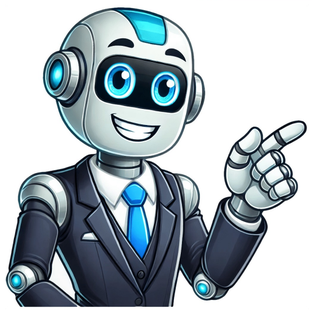
Click to prove you're human



Sou um animal que vive o tempo todo no poema

Home > Sou Um Animal Que Vive O Tempo Todo No Poema Em mim eu vejo o outro e outro enfim dezenas trens passando vagões cheios de gente centenas. O outro que há em mim é você você e você. Animais de estimação são criaturas que nos cativam pela graciosidade, companheirismo e são muito mais do que boas companhias. Eles dividem conosco o privilégio de existir! E por isso eu queria ter um animal de estimação, um cachorrinho solto pela casa. Mulher da vida, minha irmã. De todos os tempos. De todos os povos. De todas as latitudes. Ela vem do fundo imemorial das idades e carrega a carga pesada dos mais torpes sinônimos, apelidos e ápodos: Sou Um Animal Que Vive O Tempo Todo No Poema Mulher da zona, mulher da rua, mulher perdida, mulher à toa. Webque desvivam como viveram, as tripas atirem pro diabo, que o espírito será de deus. Quando eu morrer foi publicado em lira paulistana (1945), já no fim de sua vida. Aqui, o poeta faz um balanço de sua existência, ao recomendar que seu corpo seja fragmentado e atirado cada parte em um local de são paulo que lhe foi importante na. Webse eu fosse um bicho, luiz moraes. É tão triste saber que um poema de 1947 ainda representa a realidade de tanta gente em 2021. Deixar de ser privado do que é direito de todo cidadão: Webseiscentos e sessenta e seis, de mário quintana. Eu não quero o presente, quero a realidade, de alberto caeiro (fernando pessoa) aproveitar o tempo, de álvaro de campos (fernando pessoa) tão cedo passa tudo quanto passa, de ricardo reis (fernando pessoa) qualquer tempo, de carlos drummond de andrade. Tempo, de miguel torga. For more information, click the button below. sou Desse modo, de cem em cem anos, formo um século, e passo adiante. Trabalhai, porque a vida é. □□□37 poemas sobre o tempo para pensar na passagem dos dias. O tempo tem o seu próprio rumo e ritmo. Webeu sou um cachorro. Eu sou um animal que vive e respira. Eu sinto dor, alegria, medo e prazer. Eu não sou uma coisa. Se eles me baterem, vai doer e eu vou sangrar. Meus ossos também quebram. Eu não sou uma coisa. Eu sou um cachorro. Eu gosto de jogar, caminhar, mas acima de tudo aproveitar o tempo que passo com minha família. % das pequenas empresas atuam no comércio eletrônico. Qual o principal motivo deste aumento. Roberto Carlos - O Progresso (Áudio Oficial) Áudio oficial de "O Progresso" do Roberto Carlos. Ouça os maiores sucessos do Roberto Carlos: ... Preencha as lacunas com substantivo abstratos como modelo a). Notem como o aviao e veloz b) percebeu como o texto e facil? C) que água limpida. O q é o q é sou um animal q vive o tempo todo no poema ? Webeu nunca guardei rebanhos, mas é como se os guardasse. Minha alma é como um pastor, conhece o vento e o sol. E anda pela mão das estações. A seguir e a olhar. Toda a paz da natureza sem gente. Mas eu fico triste como um pôr de sol. Webcora era seu nome artístico, e drummond costumava dizer que ela era a pessoa mais importante de goiás. Assim, como diz o poema, cora teve inúmeras vidas. Foi esposa, mãe, doceira, mulher do povo. Cora coralina por ela mesma: “comecei a escrever aos 14 de idade, numa idade em que não tinha leitura, não tinha cultura e. Webadivinha é um poema de eugénio de andrade, musicado por manuela encarnação e com arranjo para voz e piano da autoria de carlos garcia. Este poema e outros poemas para crianças, dedicados pelo poeta ao seu afilhado miguel, foram publicados em 1986 sob o título aquela nuvem e outras. Adivinha desafia a nossa imaginação, ensaiando a. Webo que é um animal que vive o tempo todo no poema? Qual teria sido a intenção do autor ao colocar essa figura no cyber poema cultura? A intenção do autor teria sido publicar as suas informações e suas ideias para que todos soubessem. Que animal representa a. Webque nunca pensamos um no outro, mas vivemos juntos e dois com um acordo íntimo como a mão direita e a esquerda. Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas no degrau da porta de casa, graves como convém a um deus e a um poeta, e como se cada pedra fosse todo o universo e fosse por isso um grande perigo para. Webolavo bilac foi um poeta brasileiro e um dos fundadores da academia brasileira de letras. Um dos principais nomes do parnasianismo, escola literária conhecida por recuperar a estética clássica, ficou muito conhecido devido a um trecho de seu poema via láctea. acontece que nem todo mundo sabe que as famosas estrofes “amai para. Webo poema ficou mundialmente conhecido por ser um elogio à autoaceitação, ao empoderamento e por ser um convite a aproveitar a vida na sua plenitude. Poema para ser grande sê inteiro na íntegra. "O Tempo" de Olavo Bilac é um poema que personifica o tempo como uma entidade em movimento constante, sem começo nem fim, que molda e influencia a vida de todos. O poema destaca a inexorabilidade do tempo e a importância de valorizar cada momento da existência. Na primeira estrofe, o eu lírico se apresenta como o Tempo que passa, descrevendo-se como uma força contínua e inescapável. O eu lírico afirma que carrega consigo tanto as experiências felizes (Ventura) quanto as desventuras (Desgraça) da vida. A expressão "vaidades da Vida" sugere que o tempo não faz distinção entre eventos significativos ou triviais. A segunda estrofe destaca a natureza implacável do tempo, que forma os minutos, horas, anos e séculos. A imagem do tempo correndo de segundo em segundo enfatiza sua marcha constante e inexorável, moldando a passagem do tempo em unidades mensuráveis. A terceira estrofe revela a inevitabilidade dos danos causados pelo tempo. O eu lírico se move de forma "serena e constante", indicando que o tempo não se apressa nem vacila. A formação de séculos sugere a escala colossal do tempo, que transcende a vida individual e abrange eras inteiras. Na última estrofe, o poema oferece um conselho prático e filosófico. O eu lírico instiga as pessoas a trabalharem diligentemente, pois a vida é curta, e o tempo não espera. A ênfase na brevidade da vida ressalta a importância de não desperdiçar os minutos e de não subestimar as horas. A mensagem é clara: a vida é efêmera, e cada momento deve ser valorizado. "O Tempo" de Olavo Bilac é um convite à reflexão sobre a passagem implacável do tempo e a necessidade de aproveitar cada instante da vida, reconhecendo sua transitoriedade e agindo com diligência diante das oportunidades que surgem. Sou o Tempo que passa, que passa, Sem princípio, sem fim, sem medida! Vou levando a Ventura e a Desgraça, Vou levando as vaidades da Vida! A correr, de segundo em segundo, Vou formando os minutos que correm . . . Formo as horas que passam no mundo, Formo os anos que nascem e morrem. Ninguém pode evitar os meus danos . . . Vou correndo sereno e constante: Desse modo, de cem em cem anos Formo um século, e passo adiante. Trabalhai, porque a vida é pequena, E não há para o Tempo demoras! Não gasteis os minutos sem pena! Não façais pouco caso das horas! Um poema como um gole d’água bebido no escuro. Como um pobre animal palpitando ferido. Como pequenina moeda de prata perdida para sempre na [floresta noturna. Um poema sem outra angústia que a sua misteriosa condição [de poema. Triste. Solitário. Único. Ferido de mortal beleza. Mario Quintana Mas o que quer dizer este poema? – perguntou-me alarmada a boa senhora. E o que quer dizer uma nuvem? – respondi triunfante. Uma nuvem – disse ela – umas vezes quer dizer chuva, outras vezes bom tempo… Mario Quintana Sou um animal sentimental Me apego facilmente ao que desperta meu desejo Tente me obrigar a fazer o que não quero E você vai logo ver o que acontece. Acho que entendo o que você quis me dizer Mas existem outras coisas. Consegui meu equilíbrio cortejando a insanidade, Tudo está perdido mas existem possibilidades. Tínhamos a idéia, mas você mudou os planos Tínhamos um plano, você mudou de idéia Já passou, já passou – quem sabe outro dia. Antes eu sonhava, agora já não durmo Quando foi que competimos pela primeira vez? O que ninguém percebe é o que todo mundo sabe Não entendo terrorismo, falávamos de amizade. Não estou mais interessado no que sinto Não acredito em nada além do que duvido Você espera respostas que eu não tenho mas Não vou brigar por causa disso Até penso duas vezes se você quiser ficar. Minha laranjeira verde, por que está tão prateada? Foi da lua dessa noite, do sereno da madrugada Tenho um sorriso bobo, parecido com soluço Enquanto o caos segue em frente Com toda a calma do mundo. Renato Russo SEMPRE QUE CHOVE Sempre que chove Tudo faz tanto tempo… E qualquer poema que acaso eu escreva Vem sempre datado de 1779! Mario Quintana Para ser grande, sê inteiro: nada Teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és No mínimo que fazes. Assim em cada lago a lua toda Brilha, porque alta vive. Fernando Pessoa Não olhe para os lados Seja um poema, uma tela ou o que for, não procure ser diferente. O segredo único está em ser indiferente. Mario Quintana Edificante Poema Escrito em Portuñol Don Ramón se tomo um pifón: bebia demasiado, don Ramón! Y al volver cambaleante a su casa, avistó em el camino: um árbol y um toro… Pero como veia duplo, don Ramón vio um árbol que era y um árbol que no era, um toro que era y um toro que no era. Y don Ramón se subió al árbol que no era: Y lo atropelo el toro que era. Triste fim de don Ramón! Mario Quintana Que é o amor? A necessidade de sair de si. O homem é um animal adorador Adorar é sacrificar-se e prostituir-se Assim, todo amor é prostituição. Charles Baudelaire Quero todo o teu espaço e todo o teu tempo. Quero todas as tuas horas e todos os teus beijos. Quero toda a tua noite e todo o teu silêncio. Mario Quintana Quem sou eu? Eu às vezes não entendo! As pessoas têm um jeito De falar de todo mundo Que não deve ser direito. Aí eu fico pensando Que isso não está bem. As pessoas são quem são, Ou são o que elas têm? Eu queria que comigo Fosse tudo diferente. Se alguém pensasse em mim, Soubesse que eu sou gente. Falasse do que eu penso, Lembrasse do que eu falo, Pensasse no que eu faço Soubesse por que me calo! Porque eu não sou o que visto. Eu sou do jeito que estou! Não sou também o que eu tenho. Eu sou mesmo quem eu sou! Pedro Bandeira Todo dia é ano novo. Todo dia é ano novo Entre a lua e as estrelas num sorriso de criança no canto dos passarinhos num olhar, numa esperança… Todo dia é ano novo na harmonia das cores na natureza esquecida na fresca aragem da brisa na própria essência da vida. Todo dia é ano novo no regato cristalino pequeno servo do mar nas ondas lavando as praias na clara luz do luar… Todo dia é ano novo na escuridão do infinito todo ponteado de estrelas na amplidão do universo no simples prazer de vê-las nos segredos desta vida no germinar da semente. Todo dia é ano novo nos movimentos da Terra que gira incessantemente. Todo dia é ano novo no orvalho sobre a relva na passarela que encanta no cheiro que vem da terra e no sol que se levanta. Todo dia é ano novo nas flores que desabrocham perfumando a atmosfera nas folhas novas que brotam anunciando a primavera. Você é capaz, é paz É esperança Todo dia é ano novo no colorido mais belo dos olhos dos filhos seus… Você é paz, é amor, a alegria de Deus. Não há vida sem volta e não há volta sem vida no ciclo da natureza neste ir e vir constante No broto que se renova na vida que segue adiante em quem semeia bondade em quem ajuda o irmão colhendo felicidade cumprindo a sua missão. Todo dia é ano novo… portanto… feliz ano novo todo dia! Desconhecido Poema Transitório (…) é preciso partir é preciso chegar é preciso partir é preciso chegar… Ah, como esta vida é urgente! … no entanto eu gostava mesmo era de partir… e – até hoje – quando acaso embarco para alguma parte acomodo-me no meu lugar fecho os olhos e sonho: viajar, viajar mas para parte nenhuma… viajar indefinidamente… como uma nave espacial perdida entre as estrelas. Mario Quintana O Último Poema Assim eu quereria o meu último poema. Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos A paixão dos suicidas que se matam sem explicação. Manuel Bandeira [Busca] Subnutrido de beleza, meu cachorro-poema vai farejando poesia em tudo, pois nunca se sabe quanto tesouro andará desperdiçado por aí… Quanto filhotinho de estrela atirado no lixo! Mario Quintana Poema da purificação Depois de tantos combates o anjo bom matou o anjo mau e jogou seu corpo no rio. As água ficaram tintas de um sangue que não descorava e os peixes todos morreram. Mas uma luz que ninguém soube dizer de onde tinha vindo apareceu para clarear o mundo, e outro anjo pensou a ferida do anjo batalhador. Carlos Drummond de Andrade Poema de Classes você vale-menos companheiro! MAIS-VALIA se você gritasse o ano inteiro. Xico Sá EU QUERO É TEU CALOR ANIMAL Mas onde já se ouviu falar num amor à distância, Num teleamor? Num amor de longe… Eu sonho é um amor pertinho… E depois Esse calor humano é uma coisa que todos – até os executivos têm É algo que acaba se perdendo no ar No vento No frio que agora faz… Escuta! O que eu quero O que eu amo O que eu desejo em ti É teu calor animal… Mario Quintana Passado Antes o voo da ave, que passa e não deixa rasto, Que a passagem do animal, que fica lembrada no chão. A ave passa e esquece, e assim deve ser. O animal, onde já não está e por isso de nada serve, Mostra que já esteve, o que não serve para nada. A recordação é uma traição à Natureza, Porque a natureza de ontem não é Natureza. O que foi não é nada, e lembrar é não ver. Passa, ave, passa, e ensina-me a passar! Fernando Pessoa Nem temor nem esperança assistem Ao animal agonizante; O homem que seu fim aguarda Tudo teme e espera; Muitas vezes morreu, Muitas vezes de novo se ergueu. Um grande homem em sua altivez Ao enfrentar assassinos Com desdém julga A falta de alento; Ele conhece a morte até ao fundo — O homem criou a morte. William Butler Yeats Para Sempre Por que Deus permite que as mães vão-se embora? Mãe não tem limite, é tempo sem hora, luz que não apaga quando sopra o vento e chuva desaba, veludo escondido na pele enrugada, água pura, ar puro, puro pensamento. Morrer acontece com o que é breve e passa sem deixar vestígio. Mãe, na sua graça, é eternidade. Por que Deus se lembra – mistério profundo – de tirá-la um dia? Fosse eu Rei do Mundo, baixava uma lei: Mãe não morre nunca, mãe ficará sempre junto de seu filho e ele, velho embora, será pequenino feito grão de milho. Carlos Drummond de Andrade ANÁLISE DE POEMAS POEMA N.º 1 Soneto do Amor Total Vinícius de Morais Amo-te tanto, meu amor… não canteO humano coração com mais verdade...Amo-te como amigo e como amanteNuma sempre diversa realidade.Amo-te afim, de um calmo amor prestanteE te amo além, presente na saudadeAmo-te, enfim, com grande liberdadeDentro da eternidade e a cada instante.Amo-te como um bicho, simplesmenteDe um amor sem mistério e sem virtudeCom um desejo maciço e permanente.E de te amar assim, muito e amiúdeÉ que um dia em teu corpo de repenteHei de morrer de amar mais do que pude. ANÁLISE DO POEMA: Soneto de Amor Total Marcação de Escansão e Rima do Poema A / mo / te / tan / to / meu / a / mor / não / can (A) (10)O hu / ma / no / co / ra / ção / com / mais / ver / da (B) (10)A / mo / te / co / mo a / mi / go e / co / mo a / man (A) (10)Nu / ma / sem / pre / di / ver / sa / rea / li / da (B) (10)A / mo / te a / fim / de um / cal / mo a / mor / pres / tan (A) (10)E / te a / mo a / lém / pre / sen / te / na / sau / da (B) (10)A / mo / te en / fim / com / gran / de / li / ber / da (B) (10)Den / tro / da e / ter / ni / da / de e a / ca / da ins / tan (A) (10)A/ mo / te / co / mo um / bi / cho / sim / ples / men (C) (10)De um / a / mor / sem / mis / té / rio e / sem / vir / tu (D) (10)Com um / de / se / jo / ma / ci / ço e / per / ma / nen (C) (10)E / de / te a / ma / r a / ssim/ mui / to e a / mi / ú (D) (10)É / que um / dia / em / teu / cor / po / de / re / pen (C) (10)Hei / de / mo / rrer / de a / mar/ mais / mais / do / pu (D) (10)ANÁLISE O Poema Soneto de Amor Total, de Vinícius de Morais, como o próprio nome indica, trata-se de um soneto. Sendo assim, possui uma estrutura fixa e regular que compõe os sonetos, ou seja, é formado por quatro estrofes totalizando quatorze versos, sendo dois quartetos (estrofe de quatro versos) e dois tercetos (estrofe de três versos). É um poema decassílabo regular, ou seja, possui dez sílabas poéticas em cada verso, como se pode confirmar na escansão acima. É rimado conforme a seguinte estrutura: ABAB ABBA CDC DCD. Na segunda estrofe encontramos um pouco de contradição em presente na saudade, presente algo atual e saudade algo distante. O mesmo acontece com eternidade e a cada instante, eternidade que remete ao longe e cada instante que remete ao que está sendo vivido, tudo isso sugere um amor vivo no presente e futuro. A terceira estrofe apresenta um amor animal, irracional e instintivo (bicho). Cheio de desejo carnal. No primeiro verso da última estrofe, seguindo a descrição dos desejos, temos amar assim, muito e amiúde que nos faz lembrar uma grande quantidade em pouco tempo, ou seja, um amor com muito sexo. No último verso Hei de morrer de amar mais do que pude leva a crer em um amor intenso até a morte, com pluridade de sentidos, que pode também ser morrer de amor, ou intensidade sexual na intimidade até o desgaste físico. O poema descreve um misto entre sentimento amoroso e desejos. POEMA N.º 2 O tempoMário Quintana 1 A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.2 Quando se vê, já são seis horas!3 Quando de vê, já é sexta-feira!4 Quando se vê, já é natal...5 Quando se vê, já terminou o ano...6 Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.7 Quando se vê passaram 50 anos!8 Agora é tarde demais para ser reprovado...9 Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.10 Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...11 Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...12 E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.13 Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.14 A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará. ANÁLISE DO POEMA O poema O Tempo, de Mário Quintana, trata de um poema contemporâneo. Como tal, é uma poesia livre de 14 versos, que não é regular em sua estrutura ou métrica e não possui rimas. O tema é a vida e o tempo. No primeiro verso, o autor retrata como a vida é vivida com obrigação, que serve como aprendizado, ao identificá-la com o dever de casa. Que na maioria das vezes tem que ser feito, mas não é algo desejável. Às vezes, vão sendo deixados para depois, até que não podemos fazê-lo ao tempo propício. Assim, também agimos em nossas vidas com nossos desejos e vontades. Nos versos 2, 3, 4, 5, 6 e 7, sempre iniciados com Quando se vê, para enfatizar que o tempo passa inevitável e imperceptivelmente. No oitavo verso Agora é tarde demais para ser reprovado... encontramos uma comparação subentendida do fato que a vida, apesar de ser como um dever de casa, não temos uma segunda chance, não podemos repeti-la como acontece com a formação escolar. Na vida não somos reprovados, no que diz respeito ao tempo, que não se repetirá. Não é possível voltar atrás. Nos versos 9, 10 e 11 retrata-se o lamento de não ter vivido de forma diferente. Em casca dourada e inútil das horas nos remetemos ao ditado de que tempo é dinheiro. O que nos leva a priorizar somente o trabalho e não dispormos de tempo para fazer o que gostamos. Nos versos 12 e 13 encontramos conselhos para fazermos diferente do que o homem faz habitualmente. Finalmente, no 14.º verso, nota-se que temos que fazer o que almejamos hoje, sem nunca deixar para depois. Pois o tempo passa, a velhice se aproxima e o fim da vida chega, tudo isso é inevitável. POEMA N.º 3 O menino azulCecília Meireles 1 O menino quer um burrinho2 para passear.3 Um burrinho manso,4 que não corra nem pule,5 mas que saiba conversar.6 O menino quer um burrinho7 que saiba dizer8 o nome dos rios, 9 das montanhas, das flores,10 - de tudo o que aparecer.11 O menino quer um burrinho12 que saiba inventar histórias bonitas13 com pessoas e bichos 14 e com barquinhos no mar.15 E os dois sairão pelo mundo16 que é como um jardim 17 apenas mais largo18 e talvez mais comprido19 e que não tenha fim.20 (Quem souber de um burrinho desses, 21 pode escrever22 para a Ruas das Casas,23 Número das Portas,24 ao Menino Azul que não sabe ler.) ANÁLISE DO POEMA O poema O menino azul, de Cecília Meireles, trata de uma poesia moderna. Estruturalmente é formada de 5 estrofes, contendo 5 versos nas 1.ª, 2.ª, 4.ª e 5.ª estrofes e apenas 4 versos na 3.ª estrofe, totalizando 24 versos. Segue uma forma livre quanto à escanção. Com exceção da 3.ª estrofe, as outras possuem um ritmo pobre entre os 2.º e 5.º versos de cada uma. De um modo geral, o autor trata sobre o analfabetismo e, indiretamente, do trabalho infantil. Menino azul, menino refere-se a infância e azul ao infinito, como o céu e o mar e infinito como a imaginação de uma criança. Os três primeiros versos se iniciam O menino quer um burrinho. Burrinho animal, burrinho amigo, que subtende-se que sejam os livros, pois, nos versos 2, 4,5, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16 e 19 encontramos expectativas para coisas que esse burrinho seja ou faça que são encontradas nos livros infantis, que é um universo (azul) de imaginação, o qual as crianças analfabetas ficam privadas de conhecer pela leitura. Burrinho por ser um animal que retrata o trabalho abusivo, que afasta as crianças da escola. E que é apelido dos que não possuem o conhecimento rotulado. O verso 20 mostra o fato da procura por tal burrinho, ou seja, a solução para o problema da não-alfabetização e do trabalho infantil. Nos três últimos versos, o autor referencia, através do endereço inexistente e do Menino Azul que não sabe ler e que não possui um nome próprio, todas as crianças que passam por este problema, generalizando que isso ocorre em todos os lugares com inúmeras crianças.TRABALHO ELABORADO DURANTE O 2.º PERÍODO Todos os trabalhos publicados foram gentilmente enviados por estudantes – se também quiseres contribuir para apoiar o nosso portal faz como o(a) Sara Silva Pereira e envia também os teus trabalhos, resumos e apontamentos para o nosso mail: geral@notapositiva.com. Resumo do trabalho Resumo/Apontamentos sobre vários poemas de Fernando Pessoa, realizado no âmbito da disciplina de Português (12º ano de escolaridade)... 1. Ortónimo «Pessoa como Pessoa» Temas: O Fingimento Artístico A Dor de Pensar A Nostalgia da Infância O Fingimento Artístico O poeta é um fingidor. Finge tão completamente Que chega a fingir que é dor A dor que deveras sente. . E os que lêem o que escrevem Na dor lida sentem bem, Não as duas que ele teve, Mas só a que eles não têm. . E assim nas calhas de roda Gira a entreter a razão, Esse comboio de corda Que se chama coração. . Fernando Pessoa, Cancioneiro Na perspectiva pessoana, o artista, e especialmente o poeta, é um fingidor, no sentido em que o acto de escrever não é um acto directo e imediato. A dor, as emoções que são descritas no poema não foram as sentidas pelo poeta no momento em questão, foram concepções intelectuais feitas através da análise da situação vivida. Ou seja, a poesia resulta da memória, da recordação e da sua reprodução racional, coerente e inteligente. Por isso, F. Pessoa afirma que o poeta finge todos os sentimentos que transpõe para o papel porque, no momento em que escreve, ele já não está a sentir o que sentiu no instante a que se refere na poesia. Podemos, então distinguir 3 dores: a dor sentida pelo poeta no momento em que acontece algo, a dor fingida pelo poeta quando se recorda do momento em que sofreu a dor sentida e a reproduz como texto, e a dor lida pelo leitor quando analisa o poema e interioriza as palavras do poeta. É importante frisar que «fingimento» utiliza-se num sentido de representar, é uma tentativa de transfigurar o que se sente naquilo que se escreve, utilizando paralelamente a imaginação e a intelectualidade. Fingir é inventar, criando conceitos que exprimam as emoções o melhor possível. Ao poeta cabe-lhe «sentir com a imaginação», ou seja, transformar a vivência real numa obra de arte, usufruindo da imaginação e o pensamento. As emoções são despersonalizadas e a sinceridade espontânea dá lugar à sinceridade intelectual. A Dor de Pensar [ ] Gato que brincas na rua Como se fosse na cama, Invejo a sorte que é tua Porque nem sorte se chama. . Bom servo das leis fatais Que regem pedras e gentes, Que tens instintos gerais E sentes só o que sentes. . És feliz porque és assim, Todo o nada que és é teu. Eu vejo-me e estou sem mim, Conheço-me e não sou eu. . Fernando Pessoa, 1931 Fernando Pessoa vive em constante conflito interior. Tendo consciência de que é um homem racional de mais, ele deseja arduamente pensar menos, ser mais inconsciente, aproveitar a vida sem questionar. Mas, como na realidade tem uma necessidade permanente de se questionar, de pensar, de intelectualizar toda e qualquer situação, ele sente-se frustrado. Podemos, então, falar de uma dualidade insconsciência/consciência e sentir/pensar. Pessoa inveja o gato porque o gato é feliz na sua ingenuidade, respondendo simplesmente a instintos. Pessoa inveja uma ceifeira simples porque ela canta só porque lhe apetece, alegremente. Ele nunca conseguirá ter estas reacções de abstracção para com o pensamento porque insatistafação e a dúvida acerca da importância da racionalidade são constantes. O que ele deseja é ser inconsciente, tendo consciência disso. Como isso é muito inconcebível, cada vez a dor de pensar é maior. A Nostalgia da Infância [ ] Quando as crianças brincam E eu as oiço brincar, Qualquer coisa em minha alma Começa a se alegrar . E toda aquela infância Que não tive me vem, Numa onda de alegria Que não foi de ninguém. . Se quem fui é enigma, E quem serei visão, Quem sou ao menos sinta Isto no me coração. . Fernando Pessoa, Cancioneiro O poema fala-nos da infância. O sujeito poético remete-nos para a alegria que rodeia as crianças durante as suas constantes brincadeiras. Ele próprio, ao observar tamanha simplicidade e magia, se deixa invadir por sentimentos agradáveis “Qualquer coisa em minha alma/Começa a se alegrar”. No entanto, esta alegria que o sujeito lírico sente, fá-lo lembrar-se da sua própria infância que, por ter sido tão apagada de alegrias e brincadeiras, passa por nunca ter existido, algo que ele frisa bem: “E toda aquela infância/ que não tive…” Com uma pontinha de nostalgia, o eu poético termina com uma quadra mais complexa, mas que se traduz simplesmente. Já que ele não sabe bem o que chamar à sua infância pobre em afecto, se não se reconhece no próprio passado, nem sabe quem virá a ser no futuro – tudo o que ele pode fazer é imaginar, adivinhar, ter uma visão, então, resta-lhe sentir a alegria e a felicidade que lhe invadem o coração quando, no presente, observa as crianças contentes. Quando era criança Quando era criança Vivi, sem saber, Só para hoje ter Aquela lembrança. . E hoje sinto Aquilo que fui. Minha vida flui, Feita do que minto. . Mas nesta prisão, Livro único, leio O sorriso alheio De quem fui então. Fernando Pessoa, Cancioneiro Mais uma vez, o poema aborda o tema da nostalgia da infância. O sujeito poético, na infância, não tinha, como qualquer outra criança, consciência da realidade – “Vivi, sem saber,”. No entanto, agora tem-na. E mesmo que teime em relembrar esses tempos, ele sabe que nunca irão regressar, ele agora pensa. Por isso, é “Só para hoje ter/ Aquela lembrança.” Depois, vemos que o eu poético sabe que apenas agora, que pensa, consegue perceber e sentir o que foi e o que viveu na infância: “E hoje sinto/ Aquilo que fui”. Mas, no entanto, a vida dele, neste presente, passa-se numa mentira “Minha vida flui,/Feita do que minto.” Ele não mente, efectivamente, mas acha que não está a viver realmente, o que acaba por tornar a sua vida numa constante dúvida e conflito existencial. Por fim, no última quadra, ele conclui simplesmente. Como não se pode esquivar da vida que tem, da mentira que supostamente vive (“Mas nesta prisão”), então restam-lhe unicamente as memórias dos tempos que já passaram (“Livro único, leio”) e que, apesar de felizes, já não lhe pertencem porque ele já não é assim (“O sorriso alheio/De quem fui então”). Para atenuar a dor de pensar, Pessoa revive a infância, utilizando o fingimento artístico. No entanto, F. Pessoa não fala da infância dele, fala da infância em geral, como sinónimo de felicidade, calma, tranquilidade. A criança deixa-lhe saudades e ele sente-se cada vez mais longe dela, mais velho. No fim, quando regressa do devaneio, choca com o presente e ainda se sente pior, com a dor mais agravada pela saudade. 2. Alberto Caeiro – O Mestre Sou um guardador de rebanhos O rebanho é os meus pensamentos E os meus pensamentos são todos sensações. Penso com os olhos e com os ouvidos E com as mãos e os pés E com o nariz e a boca. Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la E comer um fruto é saber-lhe o sentido. Por isso quando num dia de calor Me sinto triste de gozá-lo tanto. E me deito ao comprido na erva, E fecho os olhos quentes, Sinto todo o meu corpo deitado na realidade, Sei a verdade e sou feliz. Alberto Caeiro, O Guardador de Rebanhos Características de Caeiro: Sensacionista (maior importância para a visão) Naturista (religião: panteísta) Apolíneo (positivo) Objectivo, concreto (usa comparações) Deambulatório Calmo (paz de espírito) Anti-metafísico (contra o pensamento) Estilo/Linguagem: Linguagem simples - Tom coloquial/oralizante Verso livre, métrica e estrofes díspares Uso de comparações e metáforas simples O tempo: Sucessão de instantes (Só o presente existe). A morte: Natural; Inerente ao Homem e à Natureza Alberto Caeiro é o poeta mais simples, mais claro e mais natural. Apresentando-se como ‘guardador de rebanhos’, preocupa-se com a observação da realidade tal e qual como ela é. É absolutamente anti-metafísico, na medida em que, por palavras suas, «pensar é estar doente dos olhos». Descreve, aprecia a realidade, vive o presente sem pensar, analisar e sofrer. Tudo é uma grande e constante novidade porque tudo é diferente entre si. Só quando pensamos é que uniformizamos as coisas. Assim, é, na perspectiva pessoana, o Mestre quer do ortónimo, quer dos restantes heterónimos. Valorizando exclusivamente os sentidos, a visão assume um papel crucial, uma vez que é considerado o sentido mais importante e verdadeiro. Ele escreve o que sente e, por isso, escreve de uma forma simples, parecendo que as palavras saem naturalmente, ingenuamente, num estilo coloquial e muito espontâneo. Segundo O Mestre, é preciso fazer uma «aprendizagem de desaprender», ou seja, pensar menos, libertar-se de tudo o que possa alterar a captação da realidade. ‘O Poeta da Natureza’ Chamamos-lhe ‘poeta da natureza’ porque, efectivamente, ele a idolatra. A natureza é perfeita nas suas próprias imperfeições. Adoptando uma posição panteísta, a natureza é Deus porque, se Deus criou as árvores e a água, então Deus é as árvores e a água. Não define natureza, mas ama-a como mais ninguém o faz. Caeiro tem uma paz interior constante, estando em plena harmonia com o universo. ‘A visão’ Ver é conhecer e compreender o mundo. O conhecimento assenta nas sensações, para que a nossa realidade seja, simplesmente aquilo que está ao nosso alcance. «Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la», nada mais. Alberto Caeiro tem uma concepção da vida ao estilo do realismo sensorial. ‘A Morte’ Caeiro vê a morte chegar todos os dias a flores, plantas e animais. Sabendo-se parte da natureza como qualquer outro animal ou planta, ele sabe que, um dia, também vai morrer. Contudo, aceita-o naturalmente porque é o normal decurso da vida. É o que acontece com cada pedacinho de natureza, portanto também há-de acontecer com ele. Não há drama: «Um dia, deu-me um sono/ E adormeci como uma criança.» ‘O Tempo’ O tempo é uma sucessão de instantes. O presente existe agora, logo ele vive e sente o presente. Então, a sua única realidade é o presente, o agora. Como Caeiro aceita a sua realidade, está bem consigo mesmo e com o mundo, logo é feliz. Sendo feliz, não precisa de relembrar o passado ou premeditar o futuro. O que passou, já passou; o que ainda não passou, há-de passar. 3. Ricardo Reis – ‘O epicurista triste’ Prefiro rosas, meu amor, à pátria, E antes magnólias amo Que a glória e a virtude. Logo que a vida me não canse, deixo Que a vida por mim passe Logo que eu fique o mesmo. Que importa àquele a quem já nada importa Que um perca e outro vença, Se a aurora raia sempre, Se cada ano com a Primavera As folhas aparecem E com o Outono cessam? E o resto, as outras coisas que os humanos Acrescentam à vida, Que me aumentam na alma? Nada, salvo o desejo de indiferença E a confiança mole Na hora fugitiva. Ricardo Reis, 01/06/1916 Características de Ricardo Reis: é médico expatriado para o Brasil por ser monárquico frequentou um colégio de Jesuítas Latinista e Semi-helenista à Antiguidade Clássica é inteligente É influenciado por: Epicurismo: Defendia o prazer como meio da felicidade, sendo necessário um estado de ataraxia para o alcançar. Para isso, não se apega a nada. «Não se dá as mãos» para não se criarem laços de ligação que tornam mais difícil a morte e mais provável a dor. ‘Carpe Diem’ – Vive o momento, sem dor. ‘Ataraxia’ – estado de tranquilidade total, paz. Estoicismo: Defendia que o Destino é superior a tudo, aos Deuses e aos Homens. Então, já nada podemos fazer. O melhor é ficar à espera do que ele nos trará e assim evitamos sermos surpreendidos. Antecipação da morte – pré sofrimento – tristeza constante O conhecimento só se alcança com disciplina e previsão porque a vida é muito curta. Assim, devemo-nos manter impávidos e serenos em relação a ela. Linha de pensamento: Efemeridade da vida: ‘Aprendamos que a vida passa’ Carpe Diem: ‘Enlacemos as mãos’ – vivamos a vida em pleno Depois começa a pensar e estraga o momento. (Ponto de contacto com F. Pessoa) Para não estragar ou modificar a paz interior, não se pode gozar a vida com os prazeres terrenos e paixões. Como Caeiro, também Ricardo Reis tenta encontrar a felicidade na natureza, mas não consegue porque pensa demais. quer prever tudo e não se deixa levar. Vive o presente: o passado já passou e o futuro só ao destino pertence. Isola-se do Mundo para não se apegar e sofrer. Estilo e Linguagem: verbos: imperativo e conjuntivo Influência clássica: Lídia (nome romano) e ‘óbulo ao barqueiro’ (mitologia grega) Uso de metáforas 4. Álvaro de Campos – ‘O filho indisciplinado da razão’ Fase 1: Decadentista Exprime o tédio, o cansaço e a necessidade de novas sensações. É como um jovem com a ânsia de viver, de experimentar, de quebrar barreiras. Faz uma viagem ao Oriente para encontrar a felicidade. Busca nos estupefacientes (ópio) o refúgio para esquecer a sociedade, apagar o tédio e saborear tentações. No entanto, nunca chega a alcançar o que pretende. A procura pelo bem-estar não passa pela mudança de lugar ou ambiente. A viagem não lhe trouxe a paz interior. O ópio esconde os problemas existências, mas não os resolve e quando o sujeito poético regressa do estado de alienação ainda piora o seu estado de espírito. Então, acaba por desistir de procurar o equilíbrio: ‘Deixe-me estar aqui, nesta cadeira / At E virem meter-me no caixão’. Fase 2: Futurista/Sensacionista Dá-se a explosão das emoções. Neste momento, Álvaro de Campos é apologista do progresso, observa o desenvolvimento da civilização e regozija-se por isso. Modernismo: acaba-se a concepção aristotélica da poesia: Não há rima. Não há escansão métrica. Não há temas tradicionais de poesia (mulher, amor e saudade). Anti-estética: Os conceitos de beleza tradicional são substituídos pela beleza da máquina e do progresso. Sensacionismo: Campos é um sensacionista, isto é, atribui grande ênfase às sensações – ponto de contacto com Caeiro. No entanto, ambos têm concepções de sensacionismo muito diferentes. Álvaro de Campos quer que todos os sentidos estejam alerta, no seu máximo, ao mesmo tempo, a todo o momento. É o uso bruto das sensações, selvagem: ‘ Eu quero sentir tudo, de todas as maneiras, em mim’, ‘Tenho febre e escrevo’, ‘Rangendo os dentes’. Este sensacionismo compara-se ao movimento de unanimismo que se formou na mesma altura. Quer-se totalizar todas as possibilidades sensoriais e afectivas da humanidade, em todo o espaço, tempo ou circunstâncias, num mesmo processo psíquico individual. Obsessão pelo desenvolvimento: Extrema adulação ao progresso e ao mundo mecânico. Conta o triunfo da máquina, do desenvolvimento da civilização. Delira com os ruídos das fábricas, os cheiros nauseabundos, as cores sujas das fábricas. Tudo se torna belo, ideal, fantástico. Perfeição: ‘Ah, não ser eu toda a gente e toda a parte’. Reflecte-se o